BOLETIM

PROEALC

Centro de Ciências Sociais / CCS - Janeiro-Fevereiro de 2004 - ISSN 2175-9103 22

8

Boletim Número 22
Data: Janeiro-Fevereiro/2004

EDITORIAL

O vigésimo segundo número do Boletim do PROEALC enfoca em dois artigos extraídos da *home-page* da ALAI, "A "subversão" de Cuba e da Venezuela" e "Cuba resiste, solidariamente", de Emir Sader e Frei Beto, respectivamente, a campanha de difamação levada a cabo pelo governo fascista de George Bush - e conseqüentemente por seus lacaios da imprensa burguesa - contra os regimes de Cuba e Venezuela e seus dirigentes, Fidel Castro e Hugo Chávez. Faz-se necessário sair em defesa das conquistas da Cuba socialista, quando faz aniversário sua Revolução. Como aponta Frei Beto, apesar das dificuldades, o país apresenta índices sociais superiores aos das nações mais ricas do Continente. É a nação mais alfabetizada da América Latina: 96,8% dos adultos. Dispõe de um médico para cada 400 habitantes. A mortalidade infantil atinge 7 em cada mil nascidos vivos - o mesmo índice sueco. Todo o sistema de educação e saúde é inteiramente gratuito. E todos têm assegurados os três direitos básicos: alimentação, saúde e educação. Qual outro país, em todo o Continente, pode se orgulhar de garantir tais direitos humanos ao conjunto de sua população?

Como frisa Emir Sader, o governo Bush tem razão de se preocupar com o poder que a Cuba socialista e a Venezuela de Chávez têm para desestabilizar sua influência na América Latina. Ainda mais no momento em que suas pretensões com a ALCA são derrotadas, com um consenso generalizadamente contrário aos desígnios norte-americanos de escancarar todas as fronteiras do continente para seus capitais. Cuba e a Venezuela colocaram em prática um intercâmbio bem distinto, o "comércio justo", aquele em que cada país fornece o que dispõe e recebe o que necessita independente dos preços do mercado capitalista internacional: a Venezuela dá petróleo a Cuba e em troca recebe remédios, técnicos em alfabetização, em medicina social, em esportes. Além desse "mal exemplo", intolerável para Washington, os dois países privilegiam o social, deslocando o grosso de seus escassos recursos para garantir os direitos básicos da população, enquanto outros governos do continente continuam a seguir as orientações do FMI, privilegiando ajustes fiscais e pagamentos aos tubarões do capital financeiro, em detrimento dos interesses de seus cidadãos.

Nossa imprensa faz eco aos posicionamentos dos EUA. Acusações de "ditadura" contra esses países - proclamadas pelo líder de um regime bi-partidário, "eleito" de forma fraudulenta com o apoio dos terroristas "cubanos" de Miami - são repetidas sem questionamento. Acusações de "violações dos direitos humanos" - feitas pelo Império genocida que espalha guerra e terror pelo mundo, sem ouvir a ONU ou a opinião pública, e transforma sua base em Guantánamo, incravada em território cubano, em masmorra de afegãos privados do mais elementar direito de defesa - são reproduzidas. Frei Beto nos lembra que, enquanto governador do Texas, Bush assinou 152 condenações à morte. São mais mortes que todos os fuzilamentos em Cuba desde a Revolução. São informações que nossa "imparcial" imprensa burguesa não divulga.

São compreensíveis as preocupações do governo Bush. Basta ya!, o grito de revolta dos indígenas zapatistas enfocados no artigo "O devir do não lugar: a retórica zapatista" do pesquisador Henrique P. Costa Gaio, parece ecoar por todo o sub-continente. Na Argentina, no Brasil, na Bolívia, na Colômbia, no Equador, no México, os Movimentos Sociais estão em ascensão. Indígenas, desempregados, sem-terra, sem-teto, cocaleros, camponeses, guerrilheiros, por toda a região, exigem governos comprometidos com os interesses nacionais e populares. E para já.

Bruno Jorge de O. Pedreira e Silene de Moraes Freire

Em Foco I

A «subversão» de Cuba e da Venezuela

Emir Sader*

O governo Bush tem razão de se preocupar com o que Cuba e a Venezuela pode fazer para desestabilizar ainda mais a capacidade de influencia de seu país na América Latina. Só que o que eles chamam de "subversão" – revelando sua nostálgica visão da "guerra fria" – e é outra coisa, mais perigosa do que qualquer ajuda econômica, treinamento de guerrilheiros ou propaganda ideológica. São coisas para as quais os olhos viciados do cowboy texano tem dificuldade para ver.

Quando o continente vive sua pior crise social desde os anos 30 do século passado, como conseqüência da aplicação das políticas que seu governo e os organismos internacionais em que Washington tem hegemonia recomendavam como as melhores para a América Latina, o governo Bush tem razão para preocupar-se. A Argentina, eleita como o melhor aluno dessas políticas com Carlos Menem, sofreu o pior retrocesso de sua história, do qual só poderá recuperar-se se mantiver um ritmo contínuo de crescimento por dez anos. Menem foi derrotado pela votação do povo argentino.

O México foi o aliado privilegiado de Washington, ingressou à Nafta como exemplo de que a integração subordinada consolidada seria o melhor caminho para os países do continente. O México retrocedeu tudo o que havia andado e muito mais com a recessão norte-americana e Fox foi derrotado pela votação do povo mexicano em julho de 2003.

Sanchez de Losada foi reeleito na Bolívia tendo ao embaixador dos EUA como seu principal cabo eleitoral, prometendo retomar suas políticas neoliberais. Seu governo não durou um ano, fracassou estrepitosamente e o povo boliviano o derrotou e o depôs nas ruas e nos campos do país.
Alejandro Toledo no Peru, Jorge Battle no Uruguai, esgotaram rapidamente seus governos, ficando à espera do fim de seus mandatos e de ser derrotados nas urnas pelos povos de seus países.

O governo chileno assinou um dos tratados comerciais mais vergonhosos que já foram subscritos no nosso continente com o governo dos Estados Unidos, um prenúncio do que seria a Alca, e que permite aos capitais norte-americanos circular pelo Chile como se estivessem no Michigan ou na Califórnia – ou, pior, porque alguns estados dos EUA têm legislações que minimamente os protegem de alguns excessos, enquanto que o governo de Ricardo Lagos se entregou de pés e mãos atados aos capitais norte-americanos, renunciando à soberania que ainda restava ao país.

A ALCA é derrotada dentro e fora dos EUA, como a reunião de Miami revelou, com um consenso generalizadamente contrário aos desígnios norte-americanos de escancarar todas as fronteiras do continente para seus capitais.

Enquanto isso, Cuba e a Venezuela assinaram e colocam em prática um tipo bem distinto de intercâmbio, em que cada país fornece ao outro o que possui: a Venezuela dá petróleo a Cuba e em troca recebe remédios, técnicos em alfabetização, em medicina social, em esportes. O que se convencionou chamar de "comércio justo", aquele em que cada país fornece o que dispõe e recebe o que necessita, independentemente dos preços do mercado internacional.

Além desse "mal exemplo", os dois países privilegiam o social, deslocando o grosso de seus recursos para universalizar o direito de acesso à educação, à saúde, à habitação, ao saneamento básico, à informação, à cultura, enquanto outros governos do continente continuam a seguir as orientações do FMI e privilegiam o ajuste fiscal.

São intoleráveis para Washington os exemplos dados por Cuba e pela Venezuela. Quando acusa ao principal líder boliviano, Evo Morales, de ser abastecido por Cuba e pela Venezuela, na sua cabeça mercantilizada

sempre passa o argumento de fornecimento de dinheiro, quando se trata, na verdade, do fornecimento de modelos não mercantis de construção de sociedade e de intercâmbio entre os países.

Justas as preocupações do governo Bush. Que coloque suas barbas de molho, porque estes anos não são nada propícios à sua ideologia belicista e à sua concepção mercantil das relações econômicas. Cuba e a Venezuela são apenas a ponta de um iceberg que ressurge como resistência latino-americana à hegemonia imperial e neoliberal dos EUA.

(Publicado em ALAI, América Latina en Movimiento, em 06/01/2004. http://alainet.org/).

Em Foco II

Cuba resiste, solidariamente

Frei Betto*

A Revolução cubana completa, contra vento e maré, 45 anos, sobre uma quádrupla ilha: a geográfica, a política (Cuba é o único país socialista do Ocidente), a que decorre da exclusão da OEA e a imposta pelo bloqueio americano. Em condições tão adversas, é surpreendente que tenha resistido a dez presidentes dos EUA e a vinte diretores da CIA, e ao efeito dominó causado pela queda do Muro de Berlim. O motivo é o apoio popular à soberania encarnada na figura carismática de Fidel.

Dos 11 milhões de habitantes, a minoria rica há tempos abandonou a Ilha. A maioria sabe que, apesar das dificuldades, o país apresenta índices sociais superiores aos das nações mais ricas do Continente. Segundo a ONU (julho/2003), a esperança de vida em Cuba é de 76,5 anos, inferior apenas à da Costa Rica (77,9). É a nação mais alfabetizada da América Latina: 96,8% dos adultos. Dispõe de um médico para cada 400 habitantes. A mortalidade infantil atinge 7 em cada mil nascidos vivos - o mesmo índice sueco. E todo o sistema de educação e saúde é inteiramente gratuito.

Se Cuba é socialmente tão avançada, a ponto de merecer elogios de João Paulo II quando a visitou, em 1998, por que há quem fuja do país? O Brasil tem 3 milhões de cidadãos vivendo fora de suas fronteiras. A diferença é que a economia cubana, socializada, não admite turismo individual no exterior, leia-se, evasão de divisas para satisfação própria. O que não impede que cubanos viajem mundo afora, em missões científicas, artísticas, comerciais e diplomáticas, em geral bancados pelo Estado. Hoje, há médicos e professores cubanos em mais de 40 países do Terceiro Mundo, inclusive no Brasil, trabalhando em áreas consideradas "desprezíveis" por muitos profissionais formados no capitalismo.

Dos que se foram de Cuba, fascinados pelo "american way of life", não conheço nenhum que esteja empenhado em melhorar as condições dos pobres nos países que os acolheram. Pelo contrário, os cárceres dos EUA estão repletos de cubanos evadidos.

Viver em Cuba exige altruísmo, como viver em comunidade ou, por exemplo, num convento. O 'nosso' deixa pouco espaço para o 'meu". Como o egoísmo é a nossa tendência negativa mais forte, não são todos que suportam a idéia de que nunca poderão ficar ricos e desfrutar das quimeras que o dinheiro promete.
Para quem é rico no Brasil, por exemplo, onde os 10% mais privilegiados possuem 42% da renda nacional (e os 10% mais pobres dividem entre si 0,9%), viver em Cuba é estar condenado ao inferno: nada de carro do ano, férias no exterior, consumo supérfluo ou o prazer de ingerir, em poucos minutos, uma bebida mais cara que o valor do salário mensal do empregado que a serve.

Para quem é classe média, é padecer no purgatório: a burocracia, o partido único, as dificuldades impostas pelo bloqueio. Mas para quem está desempregado ou é assalariado, é conhecer o céu: em Cuba não há

desemprego, favelas e violência urbana. E todos têm assegurados os três direitos básicos: alimentação, saúde e educação. Qual outro país no Continente garante tais direitos humanos ao conjunto de sua população?

Em 45 anos, a Revolução cometeu muitos erros, mas nenhum tão grave para levá-la ao fracasso. Dizia-se que Cuba se mantinha graças à União Soviética. Esta desapareceu e nem por isso a Revolução submergiu. Incluo-me entre os que condenam os fuzilamentos que ali ocorrem. Mas não ouço o coro de protestos lembrar que, enquanto governador do Texas, Bush assinou 152 condenações à morte. Nenhum de nós é capaz de imaginar uma base cubana encravada na Califórnia. Porém, o senso comum parece admitir, sem indignação, que haja uma base americana em Guantánamo, agora transformada em masmorra de afegãos, supostos terroristas privados do mais elementar direito de defesa.

Pode-se criticar Cuba em muitos aspectos, mas não há como exigir distenção política enquanto a espada de Dâmocles do bloqueio americano pesar sobre o seu pescoço. Se Cuba é tão horrível, por que atrai mais turistas que o Brasil, e a Casa Branca não permite, contrariando todas as leis internacionais, que a Ilha mantenha relações diplomáticas e comerciais com o resto do mundo?

Com ou sem Fidel, Cuba terá de mudar, pois a história é implacável. Espero, contudo, que o futuro do país não seja o presente do resto da América Latina: democracias formais cercadas de miséria, drogas, violência e desemprego por todos os lados. E que, no futuro, permaneça, à saída do aeroporto José Martí, em Havana, este painel de boas-vindas a quem chega ao país: “Esta noite, milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana”.

(Publicado em ALAI, América Latina en Movimiento, em 05/01/2004. http://alainet.org/).

Espaço Aberto

O devir do não lugar: a retórica zapatista

Henrique P. Costa Gaio*

Há uma década atrás tinha início no México, mais precisamente no Estado de Chiapas, o levante zapatista.

Levante este, que rompia o uníssono governamental e denunciava peremptoriamente o descaso, a injustiça, e as mazelas vivenciadas pelos indígenas da região. Mais ainda, por todas as minorias garroteadas pelo neoliberalismo.

O grito que destoa do estribilho desenvolvimentista, insuflado na sociedade mexicana pelo NAFTA, tem por morada o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Trata-se do movimento que viola a linearidade do pensar político, e ainda, a dicotomia da retórica simplista que reina na arena política moderna. Assim, o zapatismo descortina uma realidade menos apetecedora do que a pintada com cores idílicas pelo governo mexicano.

A partir do levante, duas realidades distintas passaram a se chocar. De um lado, a miséria da população indígena, do outro, o progresso vivenciado por um pequeno quinhão da sociedade mexicana. Contudo, mais do que a negação recíproca, estes extremos mostravam-se como dois lados de uma mesma moeda. A bonança e a exploração caminhavam ombro a ombro pela estrada neoliberal. E foi essa caminhada, sem estorvos, à qual o levante chamava atenção.

Deste modo, a metáfora das marchas é central para o entendimento da concepção política zapatista. “Uma deslocação, um sair do aqui e agora para procurar o que não está (u-topos, utopia)”. A busca por um horizonte desconhecido, por um devir heterogêneo, múltiplo e híbrido. O não lugar. Um já basta ao dogmatismo estático e imobilizador, como também às visões unidimensionais que confinam o pensamento em molduras diminutas.

Não obstante, uma das singularidades do novo zapatismo, é sem dúvida, a presença majoritariamente indígena no movimento, e ainda, o lugar destacado que ocupa em seu Estado-maior. O reconhecimento do índio, daquele que possui a cor da terra, como protagonista social é fundamental para redefinir-se a política moderna. Sobrepuja as antigas categorias binárias que regiam a sociedade moderna. Lança luz sobre um elemento novo; porém paradoxalmente, uma luta anterior às lutas de independência na América.

Contrariando a esquerda ortodoxa, refuta a idéia da revolução na sua concepção clássica. Não almeja a tomada do poder. "Porque o poder apodrece o sangue e escurece o pensamento". Mais do que conquistar o governo desejam conquistar a simpatia das pessoas para que se tornem atuantes. Desejam que suas reivindicações ecoem sem limites e direção e reverberem em cada um.

Assim, se o governo não é objetivo último, é necessário que se construam novas formas de intervir na ordem vigente. E a forma melhor de contestação, de acordo com a lógica zapatista, é a retórica. Após o silêncio das armas, a rajada de palavras ricocheteou por toda política mexicana. Imputando uma dinâmica nova ao debate monolítico; ao embate previsível. Esquivou-se da simples querela esquerda/direita, ou qualquer tipo de dualismo. Desfraldou a bandeira marrom. Uma retórica mestiça. Esta que tem como principal porta voz o subcomandante insurgente Marcos, grande tecelão de discursos do movimento. Um artesão das palavras.

Dessa maneira, a linguagem sincrética do movimento é sua principal arma. A própria idéia de "um mundo onde caibam muitos mundos", nos remete a um enfraquecimento de verdades absolutas. "Repudia vanguardas e sua linguagem monossêmica". Nos oferece a multiplicidade como mote fundador do pensamento crítico atuante.

Todo o pensamento zapatista é aclarado quando percebemos a simbologia presente nas máscaras de seus militantes. Estas que, permite ao zapatista metamorfosear-se em índio latino-americano, em negro norte-americano, homossexual em qualquer sociedade machista, em um hispânico sufocado pelo xenofobismo europeu, enfim, em qualquer um que conheça a face do preconceito, da miséria e da exploração. Transfigura-se em todo e qualquer homem, em qualquer ponto do globo, que clame por liberdade e justiça.

Assim, o grande mérito do levante zapatista está no fato, de disponibilizar novas leituras de uma sociedade prenhe por mudanças estruturais significativas. Além, de posicionar-se contra as políticas hegemonicas de meias vitórias. Não segmenta a pobreza e a desigualdade. Trabalha simultaneamente setores distintos, porém inintelígiveis se tratados separadamente. Fita a sociedade com a complexidade que lhe é devida, e mais, que lhe é inerente.

Segue a "Primera Declaración de la Realidad", proferida pelo Subcomandante Marcos em 1996 e extraída do site do Exército Zapatista de Libertação Nacional (www.ezln.org)

Primeira Declaração de La Realidad

Subcomandante Marcos
"Ya he llegado yo, ya estoy aquí presente, yo cantor.
Gozad en buena hora, vengan hacia acá a presentarse aquellos que
Tienen doliente el corazón.
Yo elevo mi canto"
Poesia Náhuatl

Aos povos do mundo.

Irmãos: Nos últimos anos, o poder do dinheiro utilizou uma nova máscara sobre seu rosto criminoso. Acima de fronteiras, sem importar raças ou cores, o poder do dinheiro humilha dignidades, insulta honestidades e assassina esperanças. Conhecido como "neoliberalismo", o crime histórico da concentração de privilégios, riquezas e impunidades, democratiza a miséria e o desespero.

Uma nova guerra mundial eclodiu, só que agora ela é contra toda a humanidade. Como em todas as guerras mundiais, busca-se uma nova divisão do mundo.

Esta guerra moderna que assassina e esquece recebe o nome de "globalização". A nova divisão do mundo consiste em concentrar poder no poder, e miséria na miséria.

A nova divisão do mundo exclui as “minorias”. Indígenas, jovens, mulheres, homossexuais, lésbicas, negros, imigrantes, operários, camponeses; as maiorias que formam os porões mundiais surgem, diante do poder, como minorias prescindíveis. A nova divisão do mundo exclui as maiorias.

O moderno exército de capital financeiro e governos corruptos avança, conquistando da única forma que é capaz: destruindo. A nova divisão do mundo destrói a humanidade.

A nova divisão do mundo só acontece para o dinheiro e seus servidores. Homens, mulheres e máquinas igualam-se na servidão e no ser prescindíveis. A mentira governa e multiplica-se em meios e modos.

Uma nova mentira nos é vendida como história. A mentira da derrota da esperança, a mentira da derrota da dignidade, a mentira da derrota da humanidade. O espelho do poder nos oferece um equilíbrio para a balança: a mentira da vitória do cinismo, a mentira da vitória do servilismo, a mentira da vitória do neoliberalismo.

Em vez de humanidade nos oferecem índices das bolsas de valores, em vez de dignidade nos oferecem globalização da miséria, em vez de esperança nos oferecem o vácuo, em vez de vida nos oferecem a internacional do terror.

Contra a internacional do terror representada pelo neoliberalismo, devemos levantar a internacional da esperança. A unidade, acima de fronteiras, línguas, cores, culturas, sexos, estratégias e pensamentos, de todos os que preferem a humanidade viva.

A internacional da esperança. Não a burocracia da esperança, não a imagem inversa e, portanto, semelhante àquilo que nos aniquila. Não o poder com novo signo ou novas roupas. Um alento sim, o alento da dignidade.

Uma flor sim, a flor da esperança. Um canto sim, o canto da vida. A dignidade é essa pátria sem nacionalidades, esse arco-íris que também é ponte, esse murmúrio do coração sem importar o sangue que o vive, essa rebelde irreverência que burla fronteiras, alfândegas e guerras.

A esperança é essa rebeldia que rejeita o conformismo e a derrota.

A vida é o que nos devem: o direito de governar e de governar-se, de pensar e agir com uma liberdade que não seja exercida sobre a escravidão de outros, o direito de dar e receber o que é justo.

Por tudo isso, junto àqueles que, acima de fronteiras, raças e cores, compartilham o canto da vida, a luta contra a morte, a flor da esperança e o alento da dignidade...

O Exército Zapatista de Libertação Nacional. Fala...

A todos os que lutam pelos valores humanos de democracia, liberdade e justiça.

A todos os que se esforçam para resistir ao crime mundial chamado “neoliberalismo” e aspiram a que a humanidade e a esperança de ser melhores sejam sinônimos de futuro.

A todos os indivíduos, grupos, movimentos, organizações sociais, cidadãs e políticas, aos sindicatos, às associações de moradores, cooperativas, todas as esquerdas existentes e por existir; organizações não-governamentais, grupos de solidariedade com as lutas dos povos do mundo, tribos, intelectuais, indígenas, estudantes, músicos, operários, artistas, professores, camponeses, grupos culturais, movimentos juvenis, meios de comunicação alternativa, ecologistas, colonos, lésbicas, homossexuais, feministas, pacifistas.

A todos os seres humanos sem casa, sem terra, sem trabalho, sem alimentos, sem saúde, sem educação, sem liberdade, sem independência, sem democracia, sem paz, sem pátria, sem amanhã.

A todos os que, sem importar cores, raças ou fronteiras, fazem da esperança arma e escudo.
Convoco-os para o primeiro Encontro Internacional pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo. [...]
Irmãos: A humanidade vive no peito de todos nós e, como o coração, prefere o lado esquerdo. Devemos encontrá-la, temos de nos encontrar.
Não é preciso conquistar o mundo. Basta fazê-lo de novo. Nós. Hoje.

Democracia! Liberdade! Justiça!
Das montanhas do sudeste mexicano,
Pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena
Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.
Subcomandante Insurgente Marcos.
México, janeiro de 1996

*Graduando em História, bolsista do PROEALC

Livros lançamentos

•Revista (SYN)THESIS especial PROEALC: América Latina no Início do século XXI
(Vendas no PROEALC - UERJ, sala 8019E)

Este é o segundo número especial dos Cadernos (Syn)Thesis organizado pelo Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC). O primeiro foi editado no ano de 1999, pelo coordenador anterior do Programa. Tal edição abordou a questão: "Violências, percursos e tensões na América Latina do final do século XX".

A presente publicação chega ao público no início do século XXI, momento em que temos diante de nós um dos maiores desafios de toda nossa história. As transformações econômicas, sociais e políticas regressivas das últimas décadas do século XX provocaram um processo de fragmentação e exploração social assustador. Nesse contexto, somos desafiados a reatualizar a compreensão do tipo de sociedade latino-americana que emerge das experiências neoliberais, das desregulamentações, da exclusão dos direitos, do debilitamento das instâncias democráticas de nossas sociedades. Tal desafio exige a elaboração de propostas alternativas que não signifiquem um simples regresso às etapas históricas superadas na região, frente a essas questões, faz-se necessário resgatarmos a capacidade de elaboração teórica do pensamento social crítico latino-americano.

A organização deste número se reveste de um significado especial no processo de atualização e redimensionamento pelo qual vem passando o Programa de Estudos de América e Caribe sob nova coordenação. Reestruturações pressupõem avanços, recuos, avaliações, possibilidades de novos rumos. Com o lançamento deste número especial nosso Programa vê realizado um anseio já relativamente antigo de não apenas manter, mas, sobretudo ampliar os canais de divulgação de sua produção, que hoje já conta com Boletins bimestrais, *home-page* e livros.

Os artigos desta edição especial dos Cadernos (Syn)thesis apresentam parte da produção dos pesquisadores associados e membros da equipe do PROEALC. Nela optamos por reunir em torno de dois temas centrais: Políticas Educacionais, Democracia e Integração Regional na América Latina e Políticas Neoliberais, Conflitos e Movimentos Políticos na América Latina, alguns artigos que oferecem uma visão geral dos estudos realizados pelo Programa.

Desse modo, nesta edição encontram-se artigos de jovens pesquisadores bem como renomados estudiosos da América Latina. Ultrapassando os muros da Universidade, esse (Syn)theses Especial contempla questões presentes neste início de século, pertinente aos que se ocupam de problemáticas referentes as possibilidades e perspectivas de construção e consolidação de uma ordem democrática na América Latina.

Silene de Moraes Freire

Agenda Acadêmica

• IV Congreso Europeo CEISAL de Latinoamericanistas "Desafíos Sociales en América Latina en el Siglo XXI" - 4 a 7 de julho de 2004, Bratislava. Inscrições dos resumos das ponências: de 30 de outubro até 31de dezembro de 2003.

Simposio "Integración, Democracia y Exclusión Social en América Latina"

La elección de la temática se justifica en discutir articulada las alternativas e impactos políticos y sociales de las formas de integración latinoamericana en un mundo cada vez más globalizado, marcado por la desigualdad social y de desarrollo.

Los avances de la globalización son acelerados en el plano de la economía y la mercantilización creciente de todos los aspectos de la vida social, sin embargo, sus impactos sobre el desempeño de los estados nacionales y las sociedades han planteado desafios cada vez mayores para mantener la integración social. Desde el punto de vista político no sólo los estados nacionales han visto retaceado sus márgenes de acción, sino también la posibilidades de los Estados de Bienestar en crisis de asegurar los derechos sociales básicos para el ejercicio de una ciudadanía plena y una democracia consolidada. Los procesos de democratización reciente en América Latina ven pues jaqueados sus posibilidades de integración política entre la valorización de las instituciones y libertades públicas y las dificultades de afianzar una ciudadanía ampliada. Esto nos lleva al desafío de la integración y la inclusión social como un imperativo cada vez más crucial en un contexto regional de fuerte desiguad y fragmentación de las sociedades.

La problemática de la integración regional, justamente sintetiza al mismo tiempo, las presiones de una economía mundial cada vez más competitiva y desigual, con la necesidad de formular alternativas de modelos de integración regional que incorporen en pie de igualdad el establecimiento de mecanismos de integración social en un contexto latinoamericano de exclusión social y fragmentación política.

El énfasis del Simposio se orienta a debatir tres ejes de suma relevancia social y fuertemente vinculados:

1) Modelos alternativos de integración latinoamericana: MERCOSUR, ALCA y UNION EUROPEA

2) La cuestión democrática en latinoamérica. Nuevos y viejos sujetos políticos. La construcción de la ciudadanía, la educación y los derechos humanos.

3) Exclusión social, nuevas formas de movilización colectiva y conflictos sociales en América Latina.

El simposio cuenta con el auspicio de la Asociación de Universidades Grupo Montevideo que es un red de universidades públicas de los países de Argentina, Brasil, Chile, Paraguay, Uruguay para el fomento de la integración académica regional.

Expediente

Reitor
Profº Nival Nunes de Almeida
Vice-reitor
Profº Ronaldo Martins Lauria
Sub-reitor de Graduação
Profª Raquel Marques Villardi
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Albanita Viana de Oliveira
Sub-reitor de Extensão e Cultura
Profª Maria Georgina Muniz Washington
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Profª Rosângela Martins Alcântara Zagaglia
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Rosane Rezende de Lima (PROEALC/CCS/UERJ)
Colaboradores
Henrique P. Costa Gaio (PROEALC/UERJ)
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)